

ANTONIO MORAIS DE CARVALHO E O DISCURSO MOTIVADO

JOÃO BATISTA B. DE BRITO*

GENEALOGIA

Como encetar (criar?)
em nome tão comum
um próprio, exclusivo,
ele próprio sobrenome?

E o instinto, os ais,
como prender, se ao invés
de único código, exibo
(Perverso Polimorfo) morais?

Mas a condenação, o lance
atávico, que me põe orvalho,
da primeira manhã à noite sempre,

é ter, rachados,
no mais ardente asfalto,
esses pés de carvalho.

(Antonio Morais de Carvalho)**

* João Batista B. de Brito é crítico literário e professor de Literatura Inglesa, na Universidade Federal da Paraíba.

** Antonio Morais de Carvalho é paraibano. Publicou dois livros de poesia: *Persona* (1982) e *Jogo de Sentidos* (1986).

O que tem a ver os sons de uma palavra com o seu sentido? Ou a palavra com o ser a que se refere? Tudo? Nada? Alguma coisa? Remonta ao vetusto Crátilo o debate em torno da motivação da fala. Retomada neste século pelos especialistas da linguagem (cf. Saussure, Jakobson, Todorov, Fonagy, Cohen, etc.), a discussão não promete se esgotar, sobretudo porque encontra repercussão num terreno fecundo, que é o da teoria do poético. Com efeito, mesmo descartada a questão de se a fala humana é ou não motivada, os estudiosos do discurso poético vêm aventando hipóteses que, grosso modo, tendem a definir esse discurso como sendo, essencialmente, motivado. Em "Poesia e Motivação" (in **Linguagem e Motivação**, Ed. Globo, 1977) Jean Cohen distingue entre dois tipos de teoria: as teorias verticais, que tentariam estabelecer relação necessária entre a palavra poética e seu conteúdo semântico, e as teorias horizontais, que, ao contrário, defenderiam a idéia de que a motivação se instala sintagmaticamente, ou seja, através da correspondência analógica entre os elementos lingüísticos que se justapõem na cadeia do verso.

São a essas teorias refutadoras da arbitrariedade do signo poético, que nos remete o poema "Genealogia" de Antonio Morais de Carvalho, recentemente publicado no **Correio das Artes**. A pergunta, em tudo idêntica àquelas que abrem este artigo, parece ser agora: até que ponto poderia existir relação entre uma pessoa e o seu nome? Ou de forma mais aproximada: o que o nome revela/esconde da natureza íntima de seu possuidor? Em cima desse questionamento, e sobretudo brincando com ele, é que o poeta campinense constrói o seu texto, cuja legibilidade fica a depender, evidentemente, tanto do sentido conceitual de seu título ("Genealogia": o estudo da origem dos antropônimos) quanto da consideração do próprio nome do autor.

Os três substantivos que compõem esse nome respondem, no poema, por uma segmentação tripartite, em que cada um dos três segmentos textuais configura uma oposição entre, de um lado, uma certa verdade lírica, e do outro, os substantivos respectivos. De maneira que o primeiro segmento (correspondente à estrofe I) contrapõe a generalidade do antropônimo "Antonio" à singularidade do seu possuidor. O segundo segmento (estrofe II) contrasta a pluralidade implícita em "Morais" com a unidade supostamente

esperável no poeta. Já o terceiro segmento, ao mesmo tempo em que mantém a diferença entre ser denominado e nome, reverte os itens da comparação pondo a positividade ontológica, não mais no ser, mas no próprio nome ("carvalho"), a categoria eufórica desse nome inexistindo no seu proprietário.

O jogo lúdico com antropônimos não é certamente novidade. Manuel Bandeira o pratica em abundância com os nomes alheios em **Mafuá do Malungo**. O emprego da palavra "pessoa" em certos textos de Fernando Pessoa se acha nessa linha, e mesmo o renascentista William Shakespeare, segundo Jakobson, já recorrera a esse jogo quando em alguns de seus sonetos faz uso da palavra "will". Aqui, porém, o autor de **Persona**, com uma felicidade que só "as musas" propiciam, consegue exaurir nessa brincadeira, aparentemente despretensiosa, um rendimento estético e um aprofundamento conteudístico realmente extraordinários.

Brevemente que seja, chamaríamos a atenção do leitor para a habilidade com que o poeta trabalha um material em princípio prosaico, como é qualquer antropônimo, remanejando-o com uma ironia fina e sutil, para transmudá-lo em conteúdo poético da melhor qualidade. Na impossibilidade de proceder à análise detida que o texto efetivamente demanda, concentremo-nos em, pelo menos, alguns aspectos de seu funcionamento, dentre eles, o recurso à duplicidade significativa das palavras, responsável, a nível de plano estilístico, por uma riqueza, tensão e condensação semântica de efeito, no mínimo, intrigante.

É, por exemplo, a partir do prosaísmo do glichê gramatical **nome comum/nome próprio** que o poeta instaura o seu discurso perturbador, no primeiro segmento textual:

Como encetar (criar?)
em nome tão comum
um próprio, exclusivo,
ele próprio sobrenome?

Sem perder de vista o motivo referencial deste segmento (isto é, o nome-cristão do autor: Antonio!), não passa despercebida à leitura a polivalência de sentido que ganham aqui as palavras: "comum", "próprio" e "sobrenome", esta última sofrendo um processo de deslexicalização pelo qual passa a significar,

entre outras coisas, "aquilo que está além do nome".

Se este primeiro segmento questiona o (auto) saber reagir ao nome, o segundo toma esse nome (agora "Morais") ironicamente como pretexto para introduzir o caos da consciência lírica:

E o instinto, os ais,
como prender, se ao invés
de único código, exibo
(Perverso Polimorfo) morais?

"Morais", portanto, deixa de ser apenas o antropônimo, para funcionar também como o substantivo comum (plural, no caso!) que o dicionário registra. Aqui serve de contraponto referencial, o lugar-comum da língua oficial: "código moral", que justifica o emprego da expressão "único código" no terceiro verso, e do adjetivo "perverso", no quarto. Será essa referência irônica ao desacordo entre a natureza múltipla do poeta (cf. "Polimorfo") e a unilateralidade da ética humana (cf. "código único", uma espécie de "comme il faut" contestado!) o que justifica também a escolha, no próximo segmento, da palavra "condenação", elemento de uma mesma isotopia? Prossegue o poeta:

Mas a condenação, o lance
atávico, que me põe orvalho
da primeira manhã à noite sempre,
é ter, rachados,
no mais ardente asfalto,
esses pés de carvalho.

Recusada a generalidade de "Antonio" e aparentemente assumido o pluralismo conveniente de "Morais", o poeta agora redimensiona (cf. "Mas") o conflito entre nome e ser. Acontece que os semas: /naturalidade/, /força/, /estabilidade/ e /segurança/, inerentes ao derradeiro componente de seu nome ("carvalho") estão fatalmente (cf. "condenação" e "lance atávico") rompidos e desgastados (cf. "rachados"), em sua gênese (cf. "pés") pela adversidade da existência e da condição humana. Magistralmente colocada pela impertinência da expressão "mais ardente asfalto", essa adversidade mantém um sentido intrigantemente ambíguo, que dá ao texto um de seus momentos mais sugestivos: "ardente" deve

ser lido denotativamente? Ou conotativamente, como um termo patético (de pathos)? "Asfalto" é um alótopo que contrapõe à isotopia natural (cf. "carvalho", "pês", "orvalho", "manhã", "noite") uma isotopia da práxis humana?

Todo o segmento está vazado por um certo tom de lamento (cf. "orvalho" no sentido metafórico de /lágrima/): ameaçada a sua integridade ontológica, da qual "carvalho" é índice, o poeta sofre, e seu sofrimento abarca um périplo de tempo que vai desde o princípio de sua existência ("da primeira manhã") ao fim ("à noite sempre"). Considerada a fatalidade da situação e o absolutismo de seu tempo, é difícil dizer, aqui, a quem pertence a voz poética, se ao poeta autobiográfico, se a um **persona** indefinido que se confunde com a idéia abstrata de Ser Humano.

Para retornar à significação do título, o poema se revela genealogia em vários níveis, e aqui tomamos este termo no seu sentido amplo de: estudo da origem e formação... tanto do nome, como do indivíduo. Num primeiro nível, o poema faz a exegese, livre que seja, do nome do poeta; num segundo, investiga a relação eventual entre esse nome e o seu proprietário; num terceiro nível, perscruta a essencialidade da consciência lírica, nisso fazendo do antropônimo um mero meio, e investindo-lhe uma motivação lingüística aprioristicamente inexistente.

Reconhece-se na linguagem comum, um grau máximo de motivação, que é o caso particular da onomatopéia, palavra cuja forma imita o conceito que define. No caso presente, "Antonio Morais de Carvalho", o nome, reveste-se, pela magia da construção poemática, de uma espécie de estatuto onomatopáico. Uma **onomatopéia da alma**, se não for muito ousada a colocação.

